

## JORGE LUIS BORGES: O SENTIDO LATENTE NO LEITOR

Maria Helena da Nóbrega \*

**RESUMO:** O texto apresenta as considerações de Jorge Luis Borges sobre a construção do sentido, relacionando-as a algumas conceituações da análise do discurso.

**Palavras-chave:** autor, leitor, sentido textual.

Podemos entender um texto como a apresentação de idéias organizadas que contêm um sentido. Mas como se apreende ou como vem à tona esse sentido?

Várias teorias lingüísticas poderiam ajudar a responder essa pergunta. Preferimos, porém, obter tal resposta segundo a concepção de Jorge Luis Borges, importante escritor argentino. Como suas obras costumam ser mais procuradas por seus aspectos ficcionais, o inegável valor literário delas acaba embaçando a visão que esse eminente pensador tinha sobre alguns conceitos de linguagem. Assim, este trabalho visa a resgatar um Borges pouco explorado: o pensador inquieto, o criador de conceitos próprios. Para os limites deste trabalho, focalizaremos as considerações borgianas sobre a construção do sentido.

Inicialmente, convém lembrar que as concepções de Borges decorrem de uma máxima: a negação do tempo. Embora a discussão de tal premissa apenas tangencie o nosso assunto, é ao negar o tempo que Borges passa a refletir sobre outros temas, inovando-os.

Refutando-o e atribuindo ao tempo a essência do homem, Borges nega também a personalidade individual e, conseqüentemente, a paternidade literária.

Assim, a abolição da personalidade individual projeta-se na noção da autoria literária. Naturalmente, se nenhum de nós existe como indivíduo, o autor também não existe. Ocorre, então, o parricídio literário; a voz perde sua origem.

“Todos los hombres que repiten una línea de Shakespeare, son William Shakespeare.”<sup>1</sup>

---

(\*) Professora da Universidade de São Paulo.

(1) BORGES, Jorge Luis. *Obras Completas: 1923-1949*, p. 438.

Na verdade, o afastamento do autor já vinha sendo lentamente conquistado. O surrealismo, por exemplo, contribuiu para a dessacralização da figura do autor ao aceitar a experiência do texto coletivo. As novas concepções sobre o discurso e a obra literária desenvolvidas pelos lingüistas também renunciaram o deslocamento do autor do centro para as posições periféricas. Mesmo porque, a linguagem não conhece uma “pessoa”, mas apenas um sujeito.

“A escritura é a destruição de toda voz, de toda origem. A escritura é esse neutro, esse composto, esse oblíquo aonde foge o nosso sujeito, o branco-e-preto onde vem se perder toda identidade, a começar pela do corpo que escreve.”<sup>2</sup>

Para enfatizar essas noções, vamos reiterá-las do ponto de vista da análise do discurso:

“Se a enunciação se define a partir de um *eu-aqui-agora*, ela instaura o discurso-enunciado, projetando para fora de si os atores do discurso, bem como suas coordenadas espaço-temporais. Utiliza-se, para constituir o discurso, das categorias de pessoa, de espaço e de tempo.”<sup>3</sup>

Obviamente, se o autor não existe, ele, Borges, também não existe. Borges aproveita-se desse lugar periférico dado ao autor para revelar toda a sua modéstia. Exemplifica-se com “Fervor de Buenos Aires”, síntese da teoria borgiana sobre a nulidade da personalidade, teoria da impessoalidade:

“Si las páginas de este libro consienten algún verso feliz, perdóneme el lector la descortesía de haberlo usurpado yo, previamente. Nuestras nadas poco difieren; es trivial y fortuita la circunstancia de que seas tú el lector de estos ejercicios, y yo su redactor.”<sup>4</sup>

Negando a paternidade literária, Borges afirma que a literatura universal parece ter sido escrita por um único autor. Enfim, Borges vê a literatura como um espaço inominável e intemporal.

Acreditamos que esse modo de ver a literatura incomode muito, porque o homem, na sua necessidade de verdades inderrubáveis, regozija-se ao reconhecer autores e/ou ao reconhecer aquilo que “o autor quis dizer” (sic). Procura-se sempre o pai, o autor primeiro, a análise mais adequada, conceitos que não encontram guarida na visão literária de Borges.

---

(2) BARTHES, Roland. *O Rumor da Língua*, p. 65.

(3) FIORIN, José Luiz. *Elementos de Análise do Discurso*, p. 40.

(4) BORGES, Jorge Luis. *Obras Completas: 1923-1949*, p. 15.

Quando se atribui um autor a um texto, fecham-se os significados, travam-se os múltiplos sentidos. Paradoxalmente, quando se afasta o autor, a pretensão de “decifrar” o texto também encontra-se afastada e ele ganha plurissignificação.

Libertos os sentido do texto, como apreendê-los? Se os sentidos não se encontram na escritura, onde eles repousam à espera de se revelar? Como a obra consegue se renovar e atualizar ao longo do tempo?

Para Borges, a renovação da obra situa-se na sua leitura. O leitor é o verdadeiro produtor do texto.

A leitura surge, então, como a mais importante operação que contribui para o nascimento e renovação de um livro.

“Que otros se jacten de las páginas que han escrito; a mí me enorgullecen las que he leído.”<sup>5</sup>

Sem dúvida, as regras que compõem o ato de escrever são diferentes das regras da leitura. Aquelas foram herdadas da Retórica e tendem a um modelo dedutivo, racional; já estas dispersam, servem-se da lógica do símbolo, que trabalha basicamente com associações: outras idéias, outras imagens, lembranças etc.

“O sujeito-leitor é um sujeito inteiramente deportado sob o registro do Imaginário; toda a sua economia de prazer consiste em cuidar da sua relação dual com o livro (isto é, com a imagem), fechando-se a sós com ele, colado a ele, de nariz dentro dele, ousaria dizer, como a criança fica colada à mãe e o namorado suspenso ao rosto amado.”<sup>6</sup>

É exatamente ao colocar o leitor como verdadeiro criador do texto que Borges nega a possibilidade de uma leitura melhor ou mais completa e definitiva que outra. Todo texto é escrito na sua leitura e não há nenhum sentido dogmático ou teológico no texto, mesmo porque o Autor-Deus não existe nessa visão impessoal da literatura. A pluralidade de signos presentes na mensagem literária aponta para a irredutibilidade de interpretação. O leitor, então, não decifra, não decodifica, apenas produz e apreende linguagens que se encontram ao longo do texto.

“Portanto, o texto não preexiste à sua leitura, e leitura não é aceitação passiva, mas é construção ativa; é no processo de interação desencadeado pela leitura que o texto se constitui.”<sup>7</sup>

---

(5) BORGES, Jorge Luis. *Obras Completas: 1952- 1972*, p. 394.

(6) BARTHES, Roland. *O Rumor da Língua*, p. 48.

(7) SOARES, Magda Becker. As Condições Sociais da Leitura: uma Reflexão em Contraponto. In *Leitura: Perspectivas Interdisciplinares*, p. 26.

E como se dá essa produção de sentidos durante a leitura?

Obviamente o leitor não pode se limitar ao mero conhecimento do significado das palavras para perceber os sentidos de um texto. Como na tradução interlingual, a metalinguagem vai muito além da relação unívoca entre significante e significado, pois o valor de cada palavra depende substancialmente de todos os outros e significado, pois o valor de cada palavra depende substancialmente de todos os elementos que tecem, com ela, a unidade textual. Por isso texto, tecido.

“... todo texto assemelha-se a um *iceberg* - o que fica à tona, isto é, o que é explicitado no texto é apenas uma pequena parte daquilo que fica submerso, ou seja, implícito. Compete, portanto, ao receptor ser capaz de atingir os diversos níveis de implícito, se quiser alcançar uma compreensão mais profunda do texto que ouve ou lê.”<sup>8</sup>

Em busca desses sentidos implícitos no texto, quem tem o saudável hábito da leitura muitas vezes já se flagrou de forma simultaneamente desrespeitosa e apaixonada: interromper a leitura, não por desinteresse, mas pelo fervilhamento de idéias; dar asas à imaginação; ler, levantando a cabeça para reflexões e associações.

Por esse motivo, os conhecimentos prévios do leitor serão fundamentais para que ele apreenda pelo menos um dos vários sentidos que o texto comporta.

Cada pessoa, no entanto, só poderá ver o que julgar possível. Dessa forma, o sentido atribuído a um texto é, também, um jogo especular no qual o leitor reconhece algo de si mesmo. Como já anunciou Borges ao cometer o parricídio literário, durante a leitura temos mais do leitor do que do autor. Ler é encontrar-se consigo mesmo.

A descoberta de si mesmo por meio de leitura não é estática e permanente, mas dinâmica e variável, porque muda dia a dia a maneira de o homem se relacionar com o mundo. Essa inevitável mudança faz com que o texto ganhe novos sentidos a cada nova leitura. Ler é renovar a obra, o que implica dizer também que ler é renovar-se.

“Ora, cada posição só é definível a partir de certos critérios, de vez que um texto pode ser abordado de várias e diferentes maneiras. Não existe, portanto, abordagem absoluta de um determinado conjunto textual: para definir uma posição, é mister um ponto de vista.”<sup>9</sup>

Vale lembrar que a relevância do leitor na produção de sentidos do texto não vai de encontro à análise do discurso. Ao contrário, os estudos que se desenvol-

---

(8) KOCH, Ingedore Villaça & TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A Coerência Textual*, p. 65.

(9) VERÓN, Eliseo. *A Produção de Sentido*, p. 206.



vem nessa área acatam a plurissignificação textual e, portanto, não se preocupam com o sentido que possa ser atribuído ao texto.

“O que ela (a análise do discurso) faz é problematizar a relação com o texto, procurando apenas *explicitar os processos de significação* que nele estão configurados, os mecanismos de produção de sentidos que estão funcionando. Compreender, na perspectiva discursiva, não é, pois, atribuir *um sentido* mas conhecer *os mecanismos* pelos quais se põe em jogo um determinado processo de significação.”<sup>10</sup>

Encerrando a questão do leitor como autor, deixemos que Gérard Genette, crítico francês, encerre com reflexões que ele fez sobre a obra borgeana:

“O tempo das obras não é o tempo definido do ato de escrever, mas o tempo indefinido da leitura e da memória. O sentido dos livros está na frente deles e não atrás, está em nós: um livro não é um sentido acabado, uma revelação que devemos receber, é uma reserva de formas que esperam seu sentido, é a iminência de uma revelação que não se produz e que cada um deve produzir por si mesmo.”<sup>11</sup>

## BIBLIOGRAFIA

- BARTHES, Roland. *O Rumor da Língua*. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo, Brasiliense, 1988.
- BORGES, Jorge Luis. *Obras Completas: 1923-1949*. Barcelona, Emecé, 1989.
- BORGES, Jorge Luis. *Obras Completas: 1952-1972*. Barcelona, Emecé, 1989.
- BORGES, Jorge Luis. *Obras Completas: 1975-1985*. Barcelona, Emecé, 1989.
- FIORIN, José Luiz. *Elementos de Análise do Discurso*. 3. ed. São Paulo, Contexto, 1992.
- KOCH, Ingedore Villaça & TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A Coerência Textual*. 4. ed. São Paulo, Contexto, 1992.
- MONEGAL, Emir Rodríguez. *Borges: uma Poética da Leitura*. Trad. Irlemar Chiampi. São Paulo, Perspectiva, 1980.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. “O Inteligível, o Interpretável e o Compreensível” In: ZILBERMAN, Regina & SILVA, Ezequiel Theodoro da, org. *Leitura: Perspectivas Interdisciplinares*. 2. ed. São Paulo, Ática, 1991. pp. 58-77.

---

(10) ORLANDI, Eni Pulcinelli. O Inteligível, O Interpretável e o Compreensível. In *Leitura: Perspectivas Interdisciplinares*, pp. 74-75.

(11) apud MONEGAL, Emir R. *Borges: uma Poética da Leitura*, p. 28.

142 NÓBREGA, Maria Helena da. Jorge Luis Borges: o sentido latente no leitor. *Língua e Literatura*, n. 20, p. 137-142, 1992/1993.

SOARES, Magda Becker. "As Condições Sociais da Leitura: uma Reflexão em Contraponto"  
In: ZILBERMAN, Regina & SILVA, Ezequiel Theodoro da, org. *Leitura: Perspectivas Interdisciplinares*. 2. ed. São Paulo, Ática, 1991. pp. 18-29.

VERÓN, Eliseo. *A Produção de Sentido*. Trad. Alceu Dias Lima et alii. São Paulo, Cultrix/Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.

**ABSTRACT:** This paper presents Jorge Luis Borges's ideas on the construction of meaning, relating them to certain notions of discourse analysis.

**Key-Words:** author, reader, textual meaning.